

Crendo em Deus, mas vivendo como se ele não existisse

O cristão ateu

CRAIG
GROESCHEL



*Eles afirmam que conhecem a Deus,
mas por seus atos o negam;
são detestáveis, desobedientes
e desqualificados para qualquer boa obra.*

— Tito 1.16

Agradecimentos

A TODOS QUE CONTRIBUÍRAM com *O cristão ateu*, sou-lhes muito grato.

Reconheço que estou em débito particularmente com

Dudley Delffs, Angela Scheff, Tom Dean, Brian Phipps e toda a equipe da Zondervan — é uma honra associar-me a vocês.

Tom Winters — obrigado por acreditar neste projeto muito antes de qualquer um.

Brannon Golden e Brian Smith — vocês são incríveis com as palavras.

Ali Bergin, Lori Bailey, Bongsi Wenyika e Sarah McLean — obrigado por lerem o manuscrito e pelas sugestões valiosas.

Catie, Mandy, Anna, Sam, Bookie e Joy — não há pai no mundo mais abençoado do que eu.

Amy — você é a melhor cristã que conheço. Vamos envelhecer juntos.

Carta ao leitor

SENTAR-SE AO LADO DE estranhos em um avião proporciona diversão e surpresas infinitas — ainda mais no meu caso, que sou pastor.

Antes que os viajantes inocentes descubram como ganho a vida, nossa interação costuma ser fácil e prazerosa. Mas, assim que descobrem minha profissão, a conversa toma outro rumo. Às vezes a discussão ganha maior sentido, fato decorrente de um laço espiritual comum. Outras vezes torna-se acalorada quando as pessoas descarregam suas dúvidas, confusões ou feridas espirituais. Também acontece de fones de ouvido ser acionados e pálpebras se fecharem, sem deixar dúvidas de que a conversa terminou.

Em uma viagem recente, precisei tomar dois voos para chegar a meu destino. No meu primeiro, sentei-me ao lado de Travis, casado, meia-idade, pai de dois filhos, voltando para casa depois de uma viagem de negócios bem-sucedida. No voo seguinte, sentei-me junto a Michelle,

uma universitária excepcionalmente espirituosa e brilhante, de 23 anos, no começo das férias de verão. Ambos estavam cansados. Ambos ansiosos por chegar à casa deles.

E ambos ateus — embora de tipos muito diferentes.

Travis era um ateu convencional. Como a maioria deles, negava por completo a existência de Deus. Não orava, não lia a Bíblia, não frequentava uma igreja. A única coisa que lhe agradava no cristianismo era a possibilidade de fazer piadas dos pregadores televisivos. Soltou uma gargalhada alta e, imitando um sotaque denso, meloso, declarou:

— Não acredito em Deus!

Na primeira parte do voo, discutimos a difícil situação profissional de Travis no mercado financeiro. Dois anos antes ele ocupara o topo do mundo, onde a rotina consistia em fechar contratos em diversos mercados. Agora não conseguiria negociar preços em bazar do tipo “família vende tudo”. A economia debilitada e a renda menor forçaram-no a implementar mudanças significativas de estilo de vida. Contudo, ele demonstrou ter calma e esperança de que tudo voltaria ao normal em pouco tempo.

Foi quando Travis vociferou:

— Quer dizer então que você é pastor? — Esforçando-se ao máximo para manter a cordialidade, ele perguntou em tom evidentemente sarcástico: — Isso quer dizer que você acredita na criação literal em sete dias, imagino eu?

Sem me deixar responder, Travis se pôs a despejar uma rápida enxurrada de palavras anticristãs:

— Não quero ser desrespeitoso, mas os cristãos são o povo mais fraco que existe. Usam a religião como muleta para evitar o mundo real. E, quanto mais falam do cristianismo, mais hipócritas são.

Vários minutos depois desse discurso bombástico e ininterrupto, Travis de repente parou. Quase como se apresentasse a possibilidade de uma trégua, disse:

— Bom, se existir uma eternidade, tenho certeza de que você estará garantido, já que é pastor. Quanto a mim, creio que me sairei tão bem quanto a maior parte das pessoas.

O resto da conversa foi agradável. Travis não mudou meu ponto de vista sobre Deus, nem eu o dele. Ambos esperávamos que a economia melhorasse logo e nos despedimos com um amigável adeus.

Michelle, a jovem universitária ao lado de quem me sentei no voo seguinte, enquadra-se em um tipo muito diferente de ateu — o cristão.

Os cristãos ateus estão por toda parte. Frequentam igrejas católicas, batistas, pentecostais, não denominacionais e até aquelas em que o pastor diz “Deus!” em tom denso e meloso durante a pregação. Frequentam grandes seminários, as dez maiores universidades do país e outras faculdades em geral. Há de todas as idades, raças e profissões — alguns até leem a Bíblia todos os dias.

Os cristãos ateus se parecem muito com os demais. Apenas vivem de maneira muito parecida com a de Travis.

Antes de o avião decolar, Michelle deu início à nossa conversa. Um pouco nervosa por ter de voar, parecia ansiosa para falar com alguém, como se isso ajudasse a fazer que a viagem passasse mais depressa. Após descrever suas dificuldades para equilibrar as finanças e lidar com os pais divorciados e com o namorado com quem morava — e que morria de medo de casamento —, perguntou-me sobre minha vida.

Para evitar ir direto ao “sou pastor”, expliquei que tenho esposa e seis filhos.

— Seis?! Ainda não descobriu como elas nascem? — brincou.

Depois de mais alguma conversa superficial, Michelle perguntou como ganho a vida. Incapaz de me esquivar do inevitável, respondi:

— Bom, na verdade, sou pastor de uma igreja.

A revelação permitiu a Michelle soltar uma torrente de palavras e histórias cristãs. Inserindo um “Deus me disse” e “Deus é bom” de vez

em quando na fala, sorria de leve ao descrever como “entregara a vida a Jesus” aos 15 anos, em um acampamento cristão para jovens. Na época, depois de orar com toda a sinceridade, não vira a hora de voltar para a escola a fim de compartilhar sua fé e viver uma vida de pureza e integridade espiritual. Apegara-se à nova crença em Deus, mas logo resvalara para o antigo estilo de vida.

Como se em um confissão, Michelle continuou despejando os detalhes mais obscuros da sua vida. Abaixou o olhar ao admitir fazer com o namorado, com quem morava, coisas que sabia serem impróprias. Contou-me que desejava ir à igreja, mas o trabalho e o estudo a ocupavam demais. Orava sim, muitas noites — a maior parte das vezes para que o namorado se tornasse cristão como ela.

— Se pelo menos ele acreditasse em Jesus, então talvez quisesse casar comigo — afirmou, enxugando as lágrimas.

No fim, Michelle deu voz a uma última confissão:

— Sei que minha vida não tem muito a ver com a vida cristã como ela deve ser, mas acredito *mesmo* em Deus.

Bem-vindo ao ateísmo cristão, no qual as pessoas creem em Deus, mas vivem como se ele não existisse. Por menos que me agrade aceitá-lo, vejo esse tipo de ateísmo em mim também. Pode-se achar que um pastor não lutaria com nenhuma forma de ateísmo, mas com certeza eu o faço. Lamentavelmente, o ateísmo cristão está em toda parte. Tem de haver um jeito melhor de viver.

Este livro foi escrito para todo aquele corajoso o bastante para admitir a própria hipocrisia. Espero que ele instigue você, que o desafie e incomode. E, se você for sincero diante de Deus — como estou tentando ser —, talvez juntos consigamos nos libertar de parte da nossa hipocrisia e levar uma vida que de fato glorifique a Cristo.

Introdução

Um cristão ateu em recuperação

OLÁ. MEU NOME É Craig Groeschel, e sou um cristão ateu.

Desde quando posso lembrar, creio em Deus. Mas nem sempre vivi como se ele existisse. Hoje meu ateísmo cristão deixou de ser um problema tão grande quanto já foi, mas ainda luto contra ele. Como o alcoólatra em recuperação cuida para nunca imaginar garantida a sobriedade, tenho de viver um dia por vez.

Você talvez ache estranho um pastor lutando para não viver como se Deus não existisse. Contudo, no meu canto do mundo, o ateísmo cristão é uma pandemia espiritual que se dissemina com rapidez, capaz de envenenar, adoecer e até matar para todo o sempre. Mesmo assim, ele é extremamente difícil de ser reconhecido — ainda mais por quem está infectado.

Minha história ilustra os sintomas. Nasci em uma família “cristã”. Criamos em Deus e íamos à igreja quando convinha — e no Natal ou na Páscoa também. Quando o fazíamos, era sempre muito chato. Homens de mais idade, trajando algo parecido com um vestido, ocupavam o púlpito por uma eternidade, falando sobre coisas sem sentido para mim. Lembro-me de quando contei quantas vezes o pregador ergueu a mão no ar — 53 em um só sermão ainda deve ser o recorde mundial.

Embora eu nunca a levasse à igreja, tínhamos uma Bíblia dourada do tamanho de um furgão pequeno, disposta em local de destaque na mesinha lateral da nossa sala de estar. As gravuras me evocavam sentimentos afetuosos, espirituais, formigamentos, mas as palavras formavam uma rede impenetrável de tu e vós.

Os pais de dois amigos sempre nos faziam orar antes das refeições:

— Deus é grande. Deus é bom. Agradecemos agora pela comida.

A ausência de rima na oração, quando ela parecia ser necessária, sempre me incomodou e me fez pensar se Deus também se incomodava com isso. Na casa dos meus avós, nós orávamos:

— Vem, Jesus, sê nosso convidado, e este alimento seja por ti abençoado.

Nenhuma das duas tinha importância para mim, mas pelo menos a segunda rimava.

Para o inferno, não!

Com 8 anos, frequentei uma escola bíblica de férias no quintal da casa de alguém. Senti-me um pouco nervoso, mas as brincadeiras, os prêmios, as histórias e os biscoitos em forma de animais e quantidade ilimitada, servidos com Q-suco de uva, conquistaram-me. As crianças pareciam bastante normais, exceto Alex, que molhava as calças duas vezes por dia. (Se estiver lendo isto, Alex, lembre-se que me deve um grande favor por eu deixar seu sobrenome de fora.)

Acontece que tudo não passava de uma armação para o último dia, quando os professores fizeram subir a temperatura espiritual do evento. Como a bola ultrarrápida do atirador Nolan Ryan, com seus 150 quilômetros por hora, eles também me derrubaram sem que eu visse o que me atingiria.

— Fechem os olhos. Curvem a cabeça — disse a Adulta nº 1, o tom de voz de uma seriedade mortal. — Não quero ninguém olhando em volta.

Seguiu-se uma pausa dramática.

— Se você morresse esta noite, tem certeza absoluta de que passaria a eternidade no céu? Se não tiver certeza, por favor, levante a mão.

Ainda superestimulado pelas dezenas de biscoitos em formato de animais e sem certeza de nada que estivesse relacionado a meu destino eterno, ergui a mão direita.

De repente a Adulta nº 2 se juntou à Adulta nº 1 para me pegarem por debaixo de ambos os braços e me levar ao fundo da garagem. Minhas rotas de fuga estavam bloqueadas pelo fundo da garagem em si, por uma cerca de arame trançado e pelo olhar penetrante das adultas completando o triângulo.

Senti-me encurralado, absolutamente despreparado para o que aconteceria a seguir.

— Se você não tem certeza de onde passará a eternidade, então, se morrer, irá para o inferno.

Inferno! Inferno? Naquele momento, o inferno até me pareceu a opção mais segura. Pensando em tudo que aconteceu, estou certo de que as duas mulheres adultas e atenciosas estavam cobertas das mais puras intenções. Ao mesmo tempo, quase me mataram de medo, apesar de todos os biscoitos de animais que devorara. No melhor estilo dos filmes infantis da época, encolhi-me todo e arremeti, passando pelo meio das pernas da Adulta nº 2 e correndo mais depressa que Forrest Gump até

minha casa. Ainda apavorado com o demônio sórdido e o fogo sulfúreo por ele reservado para crianças como eu, entrincheirei-me dentro do armário e gritei para Deus:

— Por favor, não me mande para o inferno!

Eu acreditava em Deus, não havia o que questionar. Estava certo da existência de um céu — embora não pretendesse ir para lá tão cedo — e um inferno. Já me queimara acidentalmente com fósforos, de modo que qualquer lugar cheio de fumaça, fogo e enxofre era para onde eu jamais gostaria de ir. Durante anos orei assim à noite:

— Deus, por favor, não me mande para o inferno.

Repetia as palavras sem parar, até pegar no sono.

Pela manhã, de vez em quando eu acordava e percebia minha negligência em me despedir do Juiz do meu destino — nem um “amém”, nem um “fui”, nem um “câmbio, desligo”. Deixara Deus esperando. Não conhecia todos os Dez Mandamentos, mas tinha quase certeza de que o protocolo da oração adequada prescrevia uma dessas despedidas. Com medo de ser um pecador nas mãos de um Deus irado, orava então:

— Amém. Amém. Amém. Amém.

Às vezes apelava para a multiplicação:

— Amém vezes amém vezes amém vezes amém.

Quando entrei no ensino médio, contava com um estoque de cerca de 47 zilhões de améns, bem como um problema crescente envolvendo medo e insegurança espirituais.

Hipocrisia colegial

Com 16 anos, resolvi ir sozinho à igreja em uma manhã de domingo. (Está bem, parte dessa decisão talvez se devesse ao fato de que acabara de tirar minha carteira de motorista e dirigia para todo lado com alegria; mas a atração pela igreja foi sincera.) Meditando no que

significa “estar de bem com Deus”, subi os degraus da igreja e me sentei no terceiro banco.

Mais um sermão passou por mim sem causar nenhum impacto.

Fui embora decepcionado. O pastor se posicionara estrategicamente à saída principal para apertar a mão das pessoas à medida que saíam. Aproveitando minha oportunidade, perguntei-lhe se podia marcar um horário para conversarmos sobre Deus.

Na quarta-feira seguinte, depois da escola, vi-me sentado no escritório do pastor, o que logo percebi ser o lugar mais assustador sobre a face da terra. Gostaria de saber se ele detectou o tremor em minha voz, quando perguntei:

— Como sei se tenho sido bom o bastante para ir para o céu?

Embora não me recorde de tudo que o pastor disse, lembro-me do conselho para não agir como um arruaceiro, não correr atrás das meninas nem beber cerveja — em outras palavras, tudo isso era ruim. Meus amigos eram bebedores ávidos de cerveja, arruaceiros que não sabiam fazer outra coisa além de correr atrás das meninas. Embora eu não fosse o general daquele exército, com certeza era pelo menos um tenente, com sério potencial para receber uma promoção.

Saí do escritório dele determinado a parar de pecar. Era hora de abraçar a religião e de me acertar com Deus de uma vez por todas. Armado com um novo chamado, enfrentei a semana seguinte na escola com fogo espiritual para viver direito.

Até que a noite de sexta-feira chegou.

Só anos mais tarde descobri as palavras de Paulo em Romanos 7. Disse ele que não fazia o que desejava. E o que não queria, praticava. Sua história era a minha história. Eu queria levar uma vida justa, mas parecia incapaz de agir certo por mais que cinco minutos. Cria em Deus, no entanto continuava colando na escola, bebendo a cerveja mais barata

que encontrasse, mentindo acerca do que fazia com as namoradas e esperando achar uma *Playboy* esquecida no lugar errado de vez em quando.

— Deus, por favor, não me mande para o inferno. Amém vezes amém.

Meu primeiro grande despertar

No terceiro ano do ensino médio, fui eleito presidente pelo grupo de jovens da minha igreja. Parece que as qualificações para o cargo nada tinham a ver com levar uma vida cristã de verdade. Quando dei por mim, meu mandato de um ano me “garantira” uma bolsa de estudos parcial em universidade cristã. Com o atletismo para cobrir o resto das despesas com moradia, embarquei naquele que esperava tornar-se um novo começo, agradável a Deus.

Parti com uma carrada de roupas, canetas Bic, meu pôster da Cindy Crawford e sonhos grandiosos. Em vez de me ver rodeado de jovens Billy Grahams e Madres Teresas, no entanto, fui assaltado por Lindsay Lohans e Kanye Wests em miniatura e rapidamente arrastado para a vida das festas.

O pecado é divertido — ao menos por algum tempo. Mas é infalível: um dia ele volta para assombrá-lo, em geral quando você menos espera. Como um espirro, a princípio o pecado causa uma sensação boa, mas deixa enorme confusão atrás de si. No segundo ano da faculdade, vários dos meus irmãos de fraternidade foram presos por um grande furto, colocando todos nós em risco de sermos expulsos do *campus*. Mais ou menos na mesma época, por causa de uma ressaca enorme, dormi na hora do treino de tênis, o que me colocou a um passo de distância de perder a bolsa de estudos por praticar esporte. Além disso, muita gente no *campus* me desprezava pelo modo com que eu tratara algumas meninas.

Sentindo-me cada vez mais por baixo, decidi voltar os olhos para Deus — outra vez.

Resolvi começar um estudo bíblico na sede da nossa fraternidade. Vendi a ideia incomum para os demais integrantes da fraternidade,

explicando que a iniciativa funcionaria como excelente publicidade para nós e ajudaria a melhorar nossa reputação tão suja. Para ser franco, eu queria aprender mais sobre Deus. Já que a igreja não me ajudara muito nesse departamento, achei que podia recorrer direto à Bíblia para ver o que conseguia descobrir sozinho.

Na manhã da terça-feira anterior ao nosso primeiro estudo, eu passeava pelo *campus* no intervalo entre aulas quando me ocorreu que não tinha uma Bíblia. (Deixara a Bíblia dourada da família em casa.) A caminho da aula de literatura mundial, um senhor de mais idade se apresentou a mim como um Gideão. Perguntou-me se eu gostaria de ganhar uma Bíblia gratuita. Mesmo sem saber o que era um Gideão, no que me dizia respeito, ele bem poderia ser um dos anjos de Deus.

À noite, em um grupo pequeno, começamos a ler a Bíblia na sala acanhada, ensopada de suor e cheia de manchas de festas na sede da Lamba Chi Alpha. Começamos a ler em Mateus, capítulo 1, e, uma vez superada a parte de quem gerou quem, acertamos o ritmo. No final do nosso estudo bíblico de principiante, fizemos a única oração que conhecíamos:

— Deus, proteja-nos quando dermos festa. Deus, faça que a namorada do Joe não engravide. Deus, não permita que sejamos pegos colando na prova de história norte-americana.

Não foi uma oração típica da união de estudantes batistas, mas foi sincera.

Éramos um grupo de rapazes que acreditava em Deus, mas não fazia ideia de quem ele na verdade é.

Embora sem saber o que estávamos fazendo, nosso grupo de estudo começou a crescer. Aparentemente, muitos de nossos amigos tinham a mesma curiosidade espiritual. Quanto mais líamos a Bíblia, quanto mais orávamos, mais pessoas apareciam e mais Deus parecia agir.

Terminamos Mateus e então descobrimos que Marcos, Lucas e João contavam várias das mesmas histórias. No capítulo 3 de Atos nos sentimos

entediados e pulamos para Romanos. No meio do caminho de Romanos, entusiasmei-me tanto que comecei a adiantar a leitura. Chegando a Efésios, encontrei dois versículos que mudariam minha vida para sempre: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie”.¹ Seria mesmo verdade? Somos salvos pela graça de Deus e só por ela? Não por nossas obras? Por que ninguém me contou?

Senti-me como um animal enjaulado e precisei fugir da sala minúscula. Havia alguém sentado na frente da única porta, de modo que me esgueirei pela janela mais próxima e pulei para fora. Pressentindo algo importante, disparei para um campo de softbol perto dali. Precisava ficar sozinho com Deus. O que aconteceu a seguir é difícil de explicar e ainda mais difícil de crer para mim. A presença de Deus se tornou real.

Sempre achei que só os malucos escutavam a voz de Deus. Claro, você ouviu Deus falar. E tem um anjinho minúsculo em cima do seu ombro neste exato momento, orientando-o quanto ao que você deve fazer a seguir, acertei?

Bem, naquela noite tornei-me um desses malucos. Ajoelhado na grama, ouvi uma voz. Não audível — na verdade, ela soou alto demais para ser audível, presente demais em meu interior.

— Sem mim, você não tem nada. Comigo, tem tudo.

Ajoelhei-me e fiz a oração mais curta, mais poderosa e cheia de fé da minha vida.

Menos sussurrando que só mexendo os lábios, pedi a Deus:

— Toma a minha vida.

Só isso. Era uma pessoa quando me ajoelhei no campo de softbol e outra totalmente diferente quando me levantei. Tinha o mesmo corpo, a mesma voz e a mesma cabeça, mas não era o mesmo. Mais tarde

¹ Efésios 2.8,9.

aprendi que me tornara o que a Bíblia chama de “nova criação”.² As coisas antigas tinham passado; era o início das novas. Enfim, me transformara de cristão ateu em cristão.

Pela primeira vez na vida, cri em Deus e comecei a viver como se ele fosse real.

Missão não cumprida

Agora uma nova pessoa, conscientizei-me de que tinha uma nova missão: difundir o evangelho em toda a terra — começando por meu colega de quarto. Ninguém estava imune a minha fé contagiosa. Nem os atletas meus colegas, nem os irmãos de fraternidade, nem os amigos de festas, nem meus professores. Dizer que me tornei fanático significaria amenizar demais a verdade. Em pouco tempo colecionava convertidos ao cristianismo como Michael Phelps coleciona medalhas de ouro. Quanto mais Deus fazia, mais eu entendia que ele me chamava para dedicar a vida ao ministério em tempo integral, como uma profissão de fato.

No momento exato, quando eu contava 23 anos, Deus abriu uma porta que me permitiu trabalhar em uma igreja histórica no centro da cidade. Meu sonho transformado em realidade aos poucos virou um pesadelo espiritual. O que começou como uma coisa boa, logo se tornou uma obsessão. Meu serviço nunca era suficiente. E, embora meu amor pelo ministério ardesse cada vez mais, minha paixão por Cristo esfriava.

A missão se tornara um emprego para mim. Em vez de estudar a Palavra de Deus por devoção pessoal, só o fazia para poder pregar. Em vez de pregar mensagens que trouxessem a glória de Deus, pregava para trazer pessoas à igreja. Prometi orar pelos feridos, mas em geral não cumpria o que dissera.

Com 25 anos, tornara-me pastor em tempo integral e seguidor de Cristo em meio período.

² V. 2Coríntios 5.17.

Um convite

Você identifica alguma dessas histórias em sua experiência também? Já houve um tempo em sua vida em que você estava mais próximo de Deus do que hoje? Se for como eu, seu distanciamento das coisas espirituais não aconteceu de propósito. Como um pequeno furo em um pneu, devagar, mas constante, sua paixão espiritual foi indo embora sem fazer alarde. Talvez só agora isso tenha ficado claro para você. No lugar de dedicado seguidor de Cristo, sem querer você se transformou em mãe, estudante ou bancário em tempo integral — e seguidor de Cristo em meio período.

Talvez, como tantos outros, você seja membro de uma igreja, mas, em segredo, ainda se envergonha do seu passado. Talvez tenha ouvido falar do amor de Deus, mas ainda não está convencido de que ele o ama por completo. Ou, embora esteja persuadido da existência de Deus, sua vida de oração não é como sabe que deveria ser. Como muitos outros cristãos bem-intencionados, talvez você saiba o que Deus quer que faça, mas ainda age como bem entende. Ou é genuíno seu desejo de confiar em Deus como seu provedor, mas acha difícil demais viver de acordo com ele. É provável que você acredite em céu e inferno, mas compartilhar sua fé com as pessoas ainda lhe é algo estranho ou mesmo assustador demais. Ou talvez você acredite em Deus, mas não sinta muita necessidade de igreja.

Serei sincero em relação a minhas lutas e espero que você também o seja. Juntos então, com a ajuda de Deus, talvez possamos aprender a conhecê-lo e a andar com ele em maior intimidade.

Capítulo 1

Quando você crê em Deus, mas não o conhece de verdade

— CRAIG, VOCÊ PRECISA CONHECER essa menina. Ela é esquisita, igual a você. Quer dizer, é fanática por Deus. Alucinada mesmo por ele.

“Esquisita igual a você” não estava entre as dez principais qualidades que eu buscava em uma menina, mas tanta gente veio me falar de Amy que precisei conhecê-la. Estava no último ano de faculdade e orava todos os dias para conhecer alguém apaixonada por Cristo tanto quanto eu. A julgar por todos os relatos, Amy era tudo com que eu sonhava e mais um pouco.

Nosso relacionamento começou com vários telefonemas antes de enfim nos conhecermos pessoalmente. Alguém lhe disse que eu parecia

o Tom Cruise. Quando abriu a porta e me viu pela primeira vez, seu sorriso de expectativa hesitou. Acho que eu não era tão parecido com Maverick de *Top Gun* — *Ases indomáveis*. (Mas tenho cabelo preto e nariz grande.)

Naquela noite fomos a um estudo bíblico que Amy conduzia para meninas em idade de colegial. Ela era incrível, e todos os clichês amorosos que eu ouvira ao longo dos anos aconteceram comigo. Quando ela orou por “suas meninas”, o céu pareceu se abrir. Quando entoou cânticos de adoração, o tempo parou. Cada vez que olhava em minha direção, punha-me a louvar o Senhor ao mesmo tempo em que me derretia todo. Ela era divertida, leal e sincera. Sem falar que, em uma escala de um a dez, sua nota seria 498 milhões. (Ainda é.) Lembro-me de ter pensado: “Deus, o Senhor é ótimo. Bom trabalho”.

Transbordando de expectativa, eu passava o tempo todo querendo causar boa impressão, mostrar meu melhor Craig. Usava as camisas mais novas, passava um tanto extra de perfume, lavava o carro e produzia a fita cassete perfeita (cheia com a mais recente combinação de música cristã e canções de amor da década de 1980). Mais que isso, no entanto, tentei me certificar de que estava em minha melhor forma espiritual, orando o tempo todo para tratá-la com respeito e sem malícia.

Seis meses depois do primeiro encontro com Amy, pedi-lhe a mão na igreja, diante de todos os nossos queridos. (Graças a Deus ela disse sim; do contrário, teria sido constrangedor.) Cinco meses mais tarde, casamo-nos.

Isso foi há dezenove anos. Hoje nosso casamento tem idade oficial suficiente para sair de casa e se mudar para o *campus* de uma faculdade. Durante todo esse tempo, aprendi a conhecer Amy melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Em uma sala com 40 mulheres falando ao mesmo tempo, sou capaz de identificar a voz dela. Se entrar em um saguão abarrotado de gente, com pessoas espremidas umas contra as outras, meus olhos encontram os dela no mesmo instante. Conheço seu cheiro,

e basta uma lufada que o traga até mim para pensar nela pelo resto do dia. Sei qual é sua cor, sua música, seu prato favorito, e de qual das minhas camisas ela mais gosta.

Apesar de nos conhecermos tanto assim — mesmo depois de quase duas décadas — nossa intimidade continua a crescer. Estamos o tempo todo aprendendo a estabelecer conexões e a nos comunicarmos em maior profundidade. Quase sou capaz de ler sua mente. Surge uma situação em que ela não está presente e sei exatamente o que Amy faria. Conheço seus valores. Sei como ela processa suas decisões.

Compartilhamos uma história — acontecimentos, experiências, um monte de crianças. E nos amamos. Cremos um no outro.

Em resumo, conhecemo-nos.

Crer versus conhecer

Recente pesquisa do Gallup concluiu que 94% dos norte-americanos afirmam crer em Deus ou em um espírito universal. Todavia, um rápido folheio das Escrituras, e nossa cultura deixa bastante evidente que não chega nem perto de 94% o porcentual dos que conhecem a Deus. Quero dizer, conhecem-no *de verdade* — na sua intimidade. Crença não é o mesmo que conhecimento pessoal. Para muita gente, a simples ideia de que se pode conhecer a Deus em nível de relacionamento parece improvável, irreal, inatingível.

Parte da confusão nasce do fracasso em reconhecer os diferentes níveis de intimidade quando se trata de conhecer a Deus.

Alguns de nós conhecem a Deus só de reputação, como quando um amigo próximo nos fala de determinada moça ou rapaz. Podemos saber alguma coisa sobre ele — talvez por termos ido à igreja umas poucas vezes, ou porque nos contaram algumas histórias da Bíblia, ou por termos um versículo favorito em um ímã de geladeira. Mas tudo isso não passa de conhecimento de segunda mão.

Outros conhecem a Deus como uma lembrança. Experimentamos de verdade sua bondade, sua graça e seu amor no passado. Como aconteceu há pouco tempo, quando topei com um velho companheiro de faculdade. Há vinte anos, éramos inseparáveis. Assistíamos às aulas juntos, praticávamos esportes juntos e conhecemos a Cristo juntos. Depois que nos formamos, perdemos contato. Conheci-o anos atrás, mas não posso dizer que o conheço agora.

E outros ainda conhecem a Deus na intimidade. Aqui, agora, neste exato momento.

Esse é o tipo de conhecimento amoroso que Deus promete para quando o buscamos.¹ Quando tivermos sede de Deus, ele nos satisfará. E, se continuarmos a buscá-lo, passaremos a conhecê-lo em intimidade cada vez maior. Ao ouvirmos a sua voz, nós a reconheceremos no mesmo instante. Falaremos com Deus o tempo todo e sentiremos sua falta quando as circunstâncias nos distraírem da sua presença. Construiremos uma história juntos, acumulando casos e mais casos de experiências compartilhadas.

Amaremos a Deus. Confiaremos em Deus.

Conheceremos a Deus.

Não conhecer a Deus

Talvez você esteja pensando: “Eu creio em Deus. Não basta? Quer dizer, muita gente nem crê em Deus, mas eu creio. Não é o que ele quer de mim?”. Perguntas muito justas. Mas crer não é tudo o que ele deseja de nós. O livro de Tiago diz que até os demônios creem em Deus, no entanto tremem por saberem que estão separados dele e não podem se relacionar com ele.² Evidentemente, portanto, ser cristão é mais do que só crer em Deus.

¹ V. Deuteronômio 4.29; Jeremias 29.13; Mateus 7.7,8; Atos 17.27.

² V. Tiago 2.19.

Na minha infância e adolescência, minha família era o que eu chamaria de “cristãos culturais”. Íamos à igreja no Natal e na Páscoa. Ajudávamos um vizinho em necessidade. Doávamos comida enlatada nas campanhas que visavam a dar de comer aos menos favorecidos. Orávamos no almoço do Dia de Ação de Graças. Nada muito além disso. Embora eu cresse em Deus, tudo que sabia era *sobre* ele — e muito pouco. Não o conhecia. E por não o conhecer como melhores amigos ou cônjuges se conhecem, vivia de acordo com minhas regras.

Os atos que praticava revelavam minha falta de conhecimento íntimo de Deus. De acordo com 1João 2.3,4, “Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos. Aquele que diz: ‘Eu o conheço’, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele”. Severo demais? Prefiro considerar direto e honesto. Dito com sinceridade por alguém que se importa de verdade e quer o melhor para nós.

Precisamos ter em mente que os mandamentos de Deus são de amor. O que ele pede para seus filhos fazerem — coisas como praticar a justiça, amar a misericórdia e andar com humildade³ — é o que desejamos fazer de um jeito ou de outro, ao menos em nossos melhores momentos. Somos criados para servir de exemplo vivo do amor de Deus para com um mundo ferido.

Deus se importa com como vivemos. Um relacionamento com ele resultará naturalmente em atos e atitudes diários. Assim, se você *parecer* bom, significa que *é* bom, certo? Bem, talvez não. Conhecer a Deus pode levar a um estilo de vida positivo, mas o contrário não é verdadeiro. Nossos atos exteriores isolados não provam que desfrutamos de um relacionamento íntimo com Deus. Só porque *praticamos* o bem não quer dizer que conhecemos Aquele que *é* bom. Como quando vi Amy pela primeira vez. A princípio não a conhecia, mas tentei fazer que isso acontecesse.

³ V. Miqueias 6.8, *Almeida Revista e Atualizada*.

Se não fizesse nenhum esforço, nunca nos conheceríamos de fato. Precisamos nos esforçar para conhecer a Deus.

Ele está interessado não só em nossos atos, mas também em nosso coração — acima de tudo, em nossa atitude para com ele. Nossas boas obras transbordam do fato de o conhecermos? Ou vivemos como se ele apenas nos observasse e fosse ticando nossas realizações em uma espécie de lista de tarefas celestial? Você ganha uma estrela por ir à igreja? Por ser bom? Por doar dinheiro para filantropia? Alguns dentre nós tentam fazer por merecer a aceitação divina sem conhecer de fato o coração de Deus. E, depois que a vida acabar, Jesus lhes dirá: “Vocês não quiseram saber de se relacionar comigo. Vão embora”.⁴

Um número incontável de pessoas bem-intencionadas crê em Deus, mas não o conhece pessoalmente. Muitos de nós se enquadram nesse grupo. Ou então achamos que somos cristãos porque, bem, budistas é que não somos.

Creemos em Deus, mas nossa vida não reflete quem ele de fato é.

Sem conhecer a Deus muito bem

Você já ouviu falar de George Brett, o lendário jogador de beisebol da terceira base, que atuou na equipe do Kansas City Royals? Quando eu era criança, colecionava todo cartão de beisebol de George Brett que lançavam e sabia tudo sobre sua carreira.

Em 1988, disputei o campeonato de tênis da NAIA, a associação nacional de atletismo intercollegial, em Kansas City. Passeando pelo centro da cidade, vi George Brett sentado a uma mesinha de calçada de um café. Não pude evitar — aproximei-me dele, estendi a mão e anunciei:

— Sei que isso acontece com o senhor o tempo todo. Sinto muito. Só precisava dizer que o senhor é o cara! Em 1980, o senhor rebateu .390 —

⁴ V. Mateus 7.21-23.

quase mais de .400 — o que significaria bater o recorde de Ted Williams em 1941. O senhor marcou 118 pontos em apenas 117 jogos. O senhor é o cara!

Um pouco repetitivo, sei disso, mas eu estava nervoso.

Ora, nunca me encontrara pessoalmente com George Brett, mas tinha informações sobre ele. Ouvira dizer que era arrogante e rude. Por minha experiência, no entanto, ele é o oposto disso.

— Você sabe tudo isso sobre mim? — ele perguntou.

— Oh, eu mal comecei.

— Impressionante! Por que não se senta aqui conosco? Vamos conversar um pouco.

Ele puxou uma cadeira para que eu me sentasse.

Depois de quinze minutos de conversa, George quis saber:

— Afinal, o que o traz a Kansas City?

Contei-lhe que participaria de um grande torneio de tênis no dia seguinte. Ele me parabenizou e disse:

— Sabe de uma coisa? Você me acompanhou todos esses anos. Farei o possível para ir vê-lo jogar amanhã.

No dia seguinte, conquistei o título de campeão nacional de tênis... e George Brett torcia por mim na primeira fila. (A cena do sonho desaparece aos poucos e começa a tocar uma música etérea.)

Nada disso aconteceu de verdade, claro, embora fosse um grande final para essa história. A realidade é que George não apareceu, eu perdi na segunda rodada e fui embora me sentindo massacrado.

Tecnicamente, poderia dizer que conheço George Brett em razão do nosso encontro único. Mas é evidente que não o conheço de fato. Se você o lembrasse do nosso encontro em Kansas City, ele talvez nem se lembrasse de nada.

Rebobinemos agora a fita da narrativa histórica alguns milhares de anos. Quando o apóstolo Paulo escreveu sua carta aos Gálatas (seguidores de Jesus que viviam na região da Galácia, atual Turquia), eles já tinham provado do Deus real e vivo, mas tinham caído na armadilha do legalismo fazia pouco tempo. Conheciam a Deus, mas não o suficiente para evitar que fossem sugados de volta a uma vida baseada na Lei em vez de no amor. Em Gálatas 4.8,9, Paulo escreveu: “Antes, quando vocês não conheciam a Deus, eram escravos daqueles que, por natureza, não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo por ele conhecidos, como é que estão voltando àqueles mesmos princípios elementares, fracos e sem poder? Querem ser escravizados por eles outra vez?”.

Em essência, ele está dizendo: “Vocês conhecem a Deus, mas não o bastante para evitar seus velhos hábitos — as atitudes que feriram vocês e impediram sua proximidade de Deus”. No século XXI, seria sábio da nossa parte se indagássemos: “Isso também serve para nós?”.

Talvez nós “meio que” conheçamos a Deus. Em algum momento do passado, pode ser que tenhamos orado e pedido a Jesus que transformasse nossa vida. Talvez tenhamos um entendimento básico de Deus. Pode ser que, um dia, tenhamos nos sentido próximos de verdade dele. Mas não o conhecemos bem agora.

Conhecendo a Deus na intimidade

Por fim, existem aquelas pessoas que conhecem a Deus na intimidade e servem a ele de todo o coração. Para mim, sei que isso está acontecendo quando tenho cada vez mais consciência da presença de Deus em mim, de sua provisão, poder e paz. Não sinto que Deus está “lá fora”, aguardando que eu dispare uma oração na direção dele de vez em quando. É mais como uma conversa ininterrupta.

— Oi, Deus. Ei, ouça: o que o senhor acha disso?

Então acredito com toda a sinceridade que Deus me fala por meio de sua Palavra escrita e do Espírito.

É como se de alguma forma meu espírito se conectasse a ele, e eu conseguisse ouvir o que ele diz. Há uma espécie de voz baixa, uma consciência constante e atenta de que Deus orquestra as coisas e envia pessoas a minha vida à medida que meu dia se desenrola. Isso é viver com Deus.

Em outras épocas, Deus pode não *parecer* tão perto. Pela fé, todavia, sei que ele está comigo. Não importa o que sinto, mantenho a segurança de que Deus nunca me deixa. E ele não deixará você.

O salmista Davi descreve em Salmos 63.1-4 seu relacionamento com Deus. Na verdade, ele afirma que a experiência de conhecer o Deus pessoal cria um anseio mais profundo por *ainda mais* conhecimento íntimo de Deus. O versículo 1 começa: “Ó Deus, tu és o meu Deus [...]”. Não o Deus de outra pessoa, do qual acabo de ouvir falar. Tu és o *meu* Deus.

Davi continua: “[...] eu te busco intensamente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água”. Não há nada que me satisfaça neste mundo. Sinto fome, alimento-me e mais tarde sentirei fome de novo. Só Deus pode satisfazer plenamente. *Eu o amo tanto, Deus, que anseio por ti! Necessito mais de ti.*

Você já sentiu esse tipo de amor por alguém? Longe, mal pode esperar para estar com a pessoa de novo. Quando fico longe de Amy, mal posso esperar para ouvir a voz dela de novo. Imagine quando acontece com Deus.

O salmista prossegue: “Contemplei-te no teu santuário, e vi o teu poder e a tua glória” (*Almeida Edição Contemporânea*). Eu te vi. Eu te conheço. Reconheço-te só de te ver. Sei como és. Teu poder e majestade ilimitados, o fulgor repentino do teu esplendor, tua beleza — tudo isso é maior do que sou capaz de imaginar ou descrever.

O versículo 3 diz: “O teu amor é melhor do que a vida! Por isso os meus lábios te exaltarão”. Melhor do que a *vida*? Ele está dizendo que, se eu tivesse de escolher — ficar com o amor de Deus e assistir à morte do meu corpo mortal, ou perder seu amor e viver —, eu escolheria morrer.

Próximo versículo: “Enquanto eu viver te bendirei, e em teu nome levantarei as minhas mãos”. Nunca mais serei o mesmo. Fui tão transformado, tão dominado por ti que não me constranjo em fazer seja o que for para me expressar diante de ti. Não consigo manter as mãos paradas. Vou estendê-las na tua direção. Sorrirei. Jogarei a cabeça para trás e me aquecerei em tua glória magnificente.

O nome diz tudo

A maioria dos historiadores bíblicos concorda que Davi também escreveu Salmos 9.10, que afirma, em relação a Deus: “Os que conhecem o teu nome confiam em ti [...]”. Como *você* chama Deus? A maneira de você dirigir-se ou referir-se a ele pode revelar o quanto é profunda sua intimidade. Ou a falta dela.

Deixe-me ilustrar. Como você me chama revela claramente o quanto me conhece bem — até se de fato me conhece. Meu telefone toca. Atendo. Do outro lado da linha, você diz:

— Boa-tarde, senhor Groes-shal. Gostaria de conversar um pouco sobre o serviço telefônico que o senhor recebe.

Uma coisa posso dizer de imediato: você não me conhece. Não sabe nem pronunciar meu nome!

Ou minha esposa e eu vamos a um restaurante, e digo meu nome à recepcionista enquanto aguardamos uma mesa. Depois de poucos minutos, ela chama:

— Grow-shell, mesa para dois!

A recepcionista sabe meu nome e como pronunciá-lo. Mas nunca nos víamos senão há poucos instantes. Não nos conhecemos de verdade.

Se você me chama de “pastor Craig”, as chances de que saiba alguma coisa a meu respeito são maiores. Sabe o que faço, talvez me tenha ouvido falar e esteja familiarizado com alguns dos meus temas prediletos

e com minha franqueza. Mas o uso que você faz do meu título não quer dizer que me conheça pessoalmente.

Você poderia chamar-me só de “Craig”, e eu presumiria que você me conhece ainda melhor. Meus amigos me chamam de Craig. Somos próximos.

Contudo, se me chamar de “Groesch”, isso quer dizer que somos amigos há muito tempo. Quer dizer que temos histórias. (E você prometeu não as contar.) “Groesch” data de pelo menos vinte anos atrás.

Há ainda aqueles que têm direitos exclusivos a poucas formas de tratamento especiais, bem mais íntimas. São seis pessoinhas lindas, muito caras para mim, às quais permito até que subam no meu colo. Elas esfregam as mãos no meu rosto e dizem coisas como “Você precisa fazer a barba” e “Você é o máximo” ou “Posso comer bala?”. Chamam-me de “papai”. Conhecem-me muito melhor do que quem me chama de “Groesch”. O nome revela a intimidade.

Como você chama Deus? O Cara lá do céu? O Homem do andar de cima? Querido bebê Jesus de 3,8 quilos? Então você não o conhece. Esses títulos podem ser inteligentes ou engraçados, mas com certeza não são íntimos.

Se você conhece Deus, é provável que seja bem mais específico com ele. As palavras que usa devem refletir com precisão seu nível de conhecimento dele. Talvez ele o tenha perdoado graciosamente por duas décadas de pecados e você, agradecido, o chame de “Salvador”. Talvez ao orar você o chame de “Médico dos médicos” porque ele curou seu coração partido. Ou de “Consolador” porque ele está do seu lado sempre e serve de companhia em sua tristeza. Ou de minha “Fortaleza”, “Rocha” ou “Força”. Talvez quando se viu acuado, sem ter para onde se voltar, com os credores telefonando sem parar, ele tenha sido seu “Provedor”. Se você é mulher e o homem da sua vida a abandonou, pode até chamá-lo de “Marido”. Quando se sente completamente só, pode ser que você o

chame de “Amigo”. Talvez seu pai terreno nunca tenha sido presente em sua vida e, para você, Deus é “Pai”.

Como você chama Deus? Sua resposta pode ser o indício de como você o conhece bem. Ou não.

O melhor está por vir

É hora de ser honesto consigo mesmo e com Deus: você o conhece? Se sim, até que ponto?

Se admite com sinceridade que não o conhece, identifique-me com você. Por tempo demais, acreditei em Deus, mas não o conheci. Agora o conheço. E conhecê-lo me absorve por completo. Faz que cada momento valha a pena.

Deus tem transformado sua vida? Você é diferente em razão dele? Se não, talvez seja um cristão ateu. Deus o ama e deseja ardentemente revelar-se a você. Para nossa infelicidade, o pecado nos separa de um Deus santo. Em sua misericórdia e graça, ele enviou seu Filho, Jesus, para se tornar o sacrifício perfeito pelo perdão dos nossos pecados. Jesus, o Filho de Deus sem pecado, fez-se pecado em nosso favor sobre a cruz. Ele é o “cordeiro de Deus” que morreu em nosso lugar. Romanos 10.13 diz: “[...] todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. “Todo” inclui você e eu.

Se não o conhece, você pode passar a conhecê-lo. Se um dia já estive perto dele, pode voltar a essa posição. Conhecê-lo não é difícil e nada tem a ver com o cumprimento de um monte de regras. Sim, Deus quer sua obediência, porém muito mais seu coração. Ele diz vezes e mais vezes que, se você buscá-lo, o encontrará.⁵ Pode acontecer ao ler sua Bíblia; ele está aí desde o início. E, quando começar a buscá-lo, descobrirá que ele vem correndo em sua direção, seu filho amado. Aprenda a conhecê-lo e permita que a presença dele impacte cada área da sua vida, todos os dias.

⁵ V. Deuteronômio 4.29; Jeremias 29.13; Mateus 7,7,8; Atos 17.27.

À medida que o conhecer melhor, você mudará. Um relacionamento vibrante e íntimo com Deus o capacitará a curar as feridas do passado, a perdoar o que parece imperdoável e a mudar o que parece imutável em si mesmo. Andar com Deus quebrará o poder do materialismo em sua vida e levará você a uma generosidade radical. Em vez de viver para si e para o momento, você viverá por Cristo e para a eternidade. Seu coração começará a se quebrantar por motivos e causas que partem o coração de Deus. Você o servirá com fidelidade como parte da sua noiva, a Igreja. Em vez de viver atormentado pela preocupação e o medo, aprenderá a experimentar paz, graça e confiança. À medida que aprender a conhecê-lo, você viverá para ele com ousadia, compartilhando entusiasmado sua fé com as pessoas, cada vez menos pensando no que os outros acham. Conhecê-lo o levará a ansiar por falar às pessoas sobre ele.

Aprenda a conhecer Deus. A partir do momento em que o fizer, você nunca mais será o mesmo.